

## Os Críticos do Pan e a Cidade dos Espetáculos

Há hoje três tipos de críticos pensando nas conseqüências que a realização do Pan-Americano no Rio de Janeiro, em 2007, pode representar para a nossa cidade: os industrialistas, os pós-modernistas, e os locais. Estes críticos representam a mais completa ignorância do que venha a ser a globalização e do que possa representar um espetáculo olímpico para o reerguimento de uma cidade que se insere nos circuitos econômicos continental e mundial.

Os industrialistas não têm a mínima idéia do que significa a globalização e ainda vivem no mundo da luta de classes e do Estado provedor. Crêem que ser global é usar e-mail e que o Pan-2007 se destinaria a pôr o Estado fazendo praças e monumentos aos seus heróis. Os pós-modernos pensam que a globalização é consultar o Google e que o PAN poderia ser a instalação de uma espécie de Disney World na nossa cidade, uma oportunidade para venderem e consumirem bugigangas. Os locais confiam que podem agir localmente buscando obter maior orçamento, mais obras, mais vantagens para sua comunidade. E o PAN-2007 seria uma oportunidade para asfaltar ruas e construir praças.

Estes tipos não são senão a ignorância do que é a revolução da globalização: a capacidade de gestão e comando de um conjunto de atividades industriais e de serviços a partir de uma rede integrada, on-line, dos mais diversos decisores; a capacidade de movimentar toda a mecânica do mundo industrial com a ajuda de computadores, numa distância maior do que a que nos separa da Lua; dirigir e fiscalizar robots capazes de decolar e aterrissar aviões, produzir peças e montar carros, imprimir livros,

gerar e editar imagens, alterar softwares simultaneamente em milhões de computadores, calcular e maximizar benefícios ou minimizar custos; a capacidade de desenhar, também com a ajuda de máquinas e softwares, inovações constantes para o benefício da humanidade. E, é claro, além disso, usar o e-mail e pesquisar no Google.

Mas, do admirável mundo global, apenas algumas cidades conseguem fazer parte e, para isto, precisam desenvolver e perseguir estratégias originais de políticas públicas. O Rio tem, com o PAN-2007, a oportunidade de entrar neste mundo, mas, para aí permanecer, precisa se especializar em nichos claros como turismo, lazer, meio-ambiente e esportes. Os empresários, mais do que compartilhar as políticas com o poder público, ganharão com isto se souberem estabelecer, entre si e com outros parceiros internacionais, alianças estratégicas.

Quem apostar na decadência do Rio vai perder porque não entendeu a verdadeira mudança que uma olimpíada significa nos dias de hoje. Os empresários já descobriram as oportunidades que estão pela frente e já movimentam as suas parcerias e alianças. Os governos, federal, estadual, por outro lado, ainda estão perdidos na busca de tentar algum benefício típico do provincialismo eleitoreiro. Enquanto isto, o Rio caminha célere para se transformar na cidade dos espetáculos.